

O Leitor [The Reader] (2008) de Stephen Daldry
CINE CLUBE, 5 de Abril 2016
BIBLIOTECA, FCT/UNL

"But there are as many insides of evil as there are evil people and there isn't that much to find out about them.

Once an SS officer or soldier has crossed the line from being a fighter to being a murderer every additional murder is just an additional number. And they crossed the line for all kinds of reasons. The psychological predispositions that enabled them to enjoy crossing the line or to want to obey orders or not to care were as manifold as the reasons for doing so. To create the typical evil-doer is as simplistic and misleading as creating any other stereotype.

I was often criticised for depicting Hanna, the woman protagonist of my novel *The Reader*, a former concentration camp guard who committed monstrous crimes, with a human face. I understand the desire for a world where those who commit monstrous crimes are always monsters. We don't easily talk about people looking beautiful and being awful, looking warm and being cold, looking cultured and being amoral.

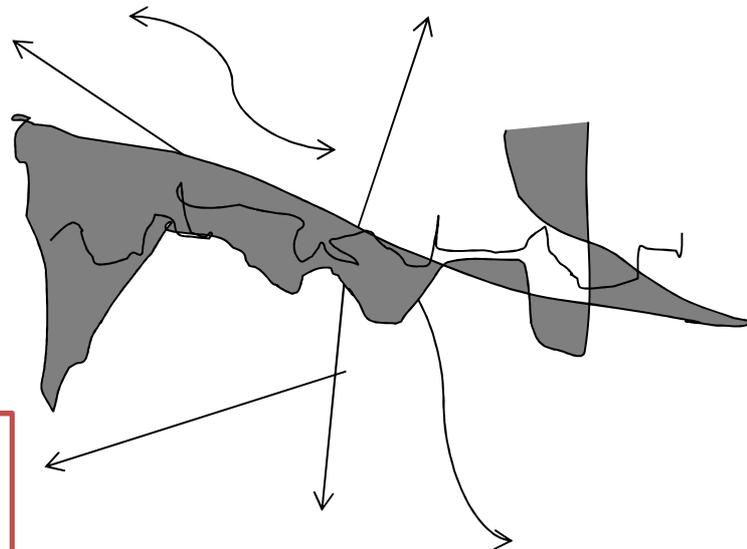
But the world is full of this tension. Not seeing its multifaceted nature is simplistic and misleading. Maybe I insist on this point so strongly because my generation experienced again and again that someone whom we loved and respected turned out to have done something horrible during the Third Reich."
(<http://www.smh.com.au/news/world/guaranteeing-truth-and-avoiding-it/2009/01/09/1231004287042.html?page=fullpage>)

"The longer one listened to him, the more obvious it became that his inability to speak was closely connected with an inability to *think*, namely, to think from the standpoint of somebody else. No communication was possible with him, not because he lied but because he was surrounded by the most reliable of all safeguards against the words and the presence of others, and hence against reality as such." (Um excerto de *Eichmann in Jerusalem: A Report on the Banality of Evil*, 1963, p. 20.)

"AS a law student in 1960s Germany, Bernhard Schlink was taught by professors who served in the Third Reich. One, a Gestapo informer, awakened him to the beauty of English; another one-time collaborator introduced him to the philosophical richness of the law.

The conundrum of how to relate to parents and mentors who committed atrocities defined Schlink's generation of Germans born in the wake of Nazism. It was also the fulcrum of his bestselling 1995 novel *The Reader* - translated into 37 languages and, despite its lack of sentimentality, selected for Oprah's Book Club.

The Reader told of 15-year-old Michael Berg's love affair with a streetcar conductor more than twice his age whom he re-encounters years later in a courtroom where she's being tried for war crimes." (In: <http://www.smh.com.au/news/books/a-dark-inheritance/2008/02/01/1201801007073.html>)





Decifrando a história que se quer muda, e/ou cega, e/ou inconsciente, e/ou ilegível no filme *O Leitor* de Stephen Daldry, com base na obra de ficção de Bernhard Schlink”

Christopher Damien Aurretta

“We have tried to trace his major doings and when we looked at them we saw that he has created three kinds of instruments which distinguish him from all of the rest of nature, and they distinguish him, because in nature animals do not create instruments.(1) The first instrument we find is tools. The second is weapons (which in our time have outgrown the tools by far). And the third, the most dangerous instrument he creates (and must create in order to express his will) is words. So we began to trace his words, and in the process we discovered that words only represent something much more fundamental in man, namely ideas. For man is an idea maker and, as we found out, a quite reckless idea maker from which he has created for himself the situation he is in today. We discovered that we had to become critical of many of his ideas, and to become critical means first to become conscious of the meaning of words, because it is through this instrument that man has tried to change the world and to change himself.” (In: “Politics, Man, and Freedom” [1967], *Final Lecture Given By Heinrich Blücher, Bard College, Spring, 1967*:

O Leitor, uma obra de ficção muito inteligentemente construída, obra que está na origem do guião de David Hare para o filme em foco aqui, suscita a seguinte aporia subjacente, quer à obra de ficção de Bernhard Schlink, *O Leitor (Der Vorleser)*, quer ao filme epónimo de Stephen Daldry: Como é que sobreviverá o passado – em particular, o passado na sua manifestação de rebarbarização política e ideológica que foi o Terceiro Reich – perante o irresistível fluir temporal, o inevitável desaparecimento de testemunhas e sobreviventes, a sucessão de gerações de um país (que acarreta o risco do esquecimento natural e/ou ideologicamente motivado) e a ulterior dependência da história – como fonte de auto-compreensão – de uma visibilidade de natureza documental, textual, i.e., de uma legibilidade construída e logo comunicada? Parece tudo depender da nossa capacidade de ler, no sentido de recolher os sinais disseminados da história. A personagem, Hanna, participa em crimes de genocídio na Segunda Guerra Mundial. É analfabeta. O que lhe provoca mais vergonha, pelos vistos, é o facto de não saber ler, não o facto de ter participado na *Selektion* mensal de mulheres condenadas às câmaras de gás em Auschwitz. Eis, então, a aporia que a obra de ficção – e, de um modo menor, o filme – assinala: como havemos de ler a história *quando a sua compreensão* – o assumir de responsabilidades, as tomadas de consciência que tornariam a história, afinal, presente, efectiva, *real como aporia para a reflexão e real como território vivencial para a memória colectiva*, bem como uma fonte de revelação inesgotável do ser humano, *está sujeita aos analfabetismos que perfilham as pessoas, i.e., a iliteracia do espírito crítico?*

Alguma bibliografia digital em torno do autor Bernhard Schlink (b. 1944):

- http://www.authortrek.com/bernhard_schlink_page.html
- <http://www.smh.com.au/news/world/guaranteeing-truth-and-avoiding-it/2009/01/09/1231004287042.html?page=fullpage>
- <http://www.smh.com.au/news/books/a-dark-inheritance/2008/02/01/1201801007073.html>
- https://en.wikipedia.org/wiki/Bernhard_Schlink
- <http://www.goethe.de/ins/au/lp/prj/bkm/rev/aut/bsc/enindex.htm>

“Schlink says it was good that from the late 50s people began to question the past.

“Historians and politicians began to look into what had happened. Doctors began to look at what doctors had done during the Third Reich, we lawyers at university began to look at what our professors had done.” He discovered that one of his favourite professors had written an anti-Semitic book in the 30s.

“We solved the problem of hiding things, but not how to cope with what we found and how to integrate it into our collective biography. There is the problem of loving and admiring these people yet knowing what they have done. Can one do this? I thought that professor was a wonderful man, and at the same time I couldn't accept it. We had to live with all these tensions. The '68 movement had the ambition to deal with all this, but even then I didn't know what to do about it and now I still don't know what to do. What we have to live with is that there is no solution.”

Schlink says the main theme of *The Reader* is this generational divide and accommodation. “It is definitely not a book about the Holocaust. It is a book about how the second generation attempted to come to terms with the Holocaust and the role in it played by their fathers' generation.” (In: <http://www.theguardian.com/books/2002/feb/09/fiction.books>)

Dois momentos de reflexão na sequência da nossa leitura da obra de ficção, *O Leitor*, de Bernhard Schlink

Christopher Damien Aurette

Primeiro momento de reflexão: Em torno do Holocausto

A realidade do Holocausto não só existiu, mas persiste hoje em dia – e persistirá –, não só nas suas consequências directamente observáveis, ou documentadas, ou avivado na memória e nos depoimentos das testemunhas e dos sobreviventes, mas, igualmente, em virtude da história humana que define, uma história onde causa e efeito, fatalidade e escolha, patologia e teoria convergem de tal modo crítico que a consciência histórica se vê confrontada com a tarefa premente de *reapreciação das categorias fundamentais da existência humana em comunidade*, das premissas de uma filosofia antropológica revisitada e da possibilidade de haver sequer uma continuidade cultural. Este confronto prolonga-se até aos nossos dias e para mais além. O pensar vê-se confrontado, às tantas, com a questão da sua eventual compatibilidade com o ser humano na sua vertente comunitária. O pensar vê-se confrontado com a percepção hoje em dia generalizada de que o pensar é passível de transformações – entre abruptas e incrementais – que conduzem, por sua vez, à *abolição da sua natureza fundamental* que seria plausivelmente fundada na reunião, a integração e elevação do pessoalmente experiencial em significado comunicável, tendencialmente universal (superador do isolamento e do monólogo), da inteligência individual em comunidade plural e pluricêntrica, do carácter contingente da consciência humana em disponibilidade imaginosa e em abertura (para além da severa circunstancialidade atomizadora do nosso ser). A todos os níveis, em todos os instantes, em todas as instâncias em que *o acto e os estados do pensar* se tornam manifestos, o vínculo entre o «eu» e o «tu» – na radicalidade da esperança que intervém sempre no tocante à capacidade construtiva e transformadora do ser, sobretudo, quando o ser transforma o empedernido em permeabilidade – viu-se e vê-se em risco de ruir nas epidemias do nada (de que o pensar é ele próprio o autor), de se esvaziar de dentro para fora, de subordinar as metamorfoses possíveis do mundo em guião fanaticamente *terminal*. Eis a ruína (sempre potencial) do mundo humano.

Portanto, as datas históricas do Holocausto, embora determinadas, não deixam de ser uma ilusão de cronologia.

A partir do momento de sermos criaturas andantes e falantes, sofredores e pensantes, *pensar* o Holocausto torna-se imperioso, um *site* de reflexão incontornável, um nada próximo de nós, uma epidemia de incertezas que nos confrontam connosco próprios. Somos vectores do nada, sendo a sua manifestação absoluta o Holocausto. Assim, incumbe-nos detectá-Lo e decifrá-Lo, não como um evento passado, mas, sim, como um horizonte de questionamento sempre iminente. Eis um aspecto do paradoxo inerente à decisão de *pensar* o Holocausto: *o pensar deve pensar a possibilidade da sua própria abolição*; a consciência histórica deve investigar a denegação da história como (humanamente e humanisticamente) produtora de uma gnose libertadora e evolutiva da consciência individual; o *ser* do ser humano deve adumbrar e logo admitir uma ciência antropológica indissociável do *desumano* e do *inumano*.

Descobre-se, porventura, o que está em jogo no *acto e nos estados do próprio pensar*, i.e., quando levado à sua jogada absoluta: o pensar pertence às estruturas essenciais do ser. Contudo, *aquilo que destrói o*

pensar pertence às mesmas estruturas imanentes. Daí, a periclitância do humano. Pode-se esquecer a toda a hora que o *ser* do ser humano é mais poema do que guião. Todavia, a sua poética é, por vezes, de natureza demoníaca.

Perante isto, compreender o incompreensível, pensar o impensável são realizações – inacabadas – que permitem, apesar da severidade das suas condições de articulação, a salvaguarda do *humano* perante o *desumano* que destrói o «tu» e perante o *inumano* que elimina do mundo o que mais intimamente o constitui: a relação entre um «eu» e um «tu». O que está sempre em jogo senão o pensar em delicada (e precária) expansão ao ritmo da nossa voz e corpo, um pensar, ora andante, ora em queda livre, um pensar, para todos os efeitos, fronteira e, em simultâneo, travessia?

Segundo momento de reflexão: Em torno de Leni Riefenstahl: a recusa do pensar, a apropriação fascista do belo, a instrumentalização estético-ideológica do outro, o «tu» como glosa desventurada do olhar auto-congratulatório da «artista»: o kitsch como espectáculo a encenar a fantasia tanatocrática

O artista é um ser de metamorfose, escreveu Elias Canetti. Na sua conferência, “O ofício do poeta” proferida em 1976, em Munique, Canetti afirma que o poeta é guardião das metamorfoses em dois sentidos: 1) é a memória viva de todas as metamorfoses registadas na literatura mundial desde os seus primórdios; e 2) a metamorfose reflecte a existência de um drama rigorosamente humano suplementar ao guião material que a biologia nos atribuiu, um drama que exprime um impulso supra-determinístico – intempestivo e inesgotável – de criaturas cuja animalidade a matéria determinou mas cuja imaginação supra-animal faz reinventar sem fim. Somos animais andantes e pensantes: síncope semiótica numa vasta teia de sinais e significados que aspiram a ser do tamanho do universo. Eis um ser-guardião de metamorfoses, i.e., *da* metamorfose, o que o torna capaz de se imaginar *outro*, de falar como um «eu-tu», de conceber um mundo contrafactual para além do mundo que *já lá está*, de especular sobre o *ainda-não* e de resistir aos espaços do desumano e do inumano que juntos condicionam a vocação de humanização só parcialmente empreendida (mas também só parcialmente destruída) ao longo das sucessivas gerações da nossa espécie. A cineasta em questão, indissociável do Terceiro Reich e do ideário do Partido Nazi, sendo a realizadora predilecta de Adolfo Hitler, dirigiu, produziu, escreveu o guião de filmes tais como *Sieg des Glaubens* [A vitória da fé], 1933, *Triumph des Willens* [O triunfo da vontade] 1935), *Olympiad*, 1938 e *Tiefland* [Terras baixas], 1944. Filmes-propaganda, filmes grotescamente *kitsch*, filmes belamente hórridos, filmes-morte. Filmes ao serviço da deificação do Führer e da glorificação do povo alemão nazificado, i.e., um país narcotizado pela ideia de se tornar uma nação todo-poderosa, conquistadora, hegemónica sob o feitiço da sua própria auto-celebratória rebarbarização. Riefenstahl, como agente propagandística ao serviço desta deificação, escolheu ser narcotraficante, i.e., narcotraficante da cegueira ideológica, do fanatismo político, da glorificação da beleza em detrimento do respeito pelo humano, da demonização do imperfeito ao invés de servir – como faria o artista que escolheu *não* ser – um projecto de elogio do inacabado e do aberto (que é, afinal de contas, a vida).

(O artista é filho do seu tempo? Sim. Mas é também legatário da humanidade.)

A sua obra transparece a escolha da deificação, da tóxica supremacia do Um a esmagar a paridade do Plural.

Nunca se retractará ao longo da vida: julga-se e apresenta-se inocente até ao fim.

Não se metamorfoseia: não se mostra posteriormente mais honesta, nem menos arrogante, nem menos talentosa, nem menos activa.

Não duvida. Não questiona. Não muda. Porém, o papel do artista é, entre outras coisas, como ser das metamorfoses, como ser fronteiro, o de proteger o território do humano. Em cada indivíduo, realizam-se travessias. São travessias que nos tornam vulneráveis, pois para tais viagens ninguém leva a mala certa, e a própria memória do exilado vende-se aos poucos para resistir à penúria imposta pelo mundo. Portanto, o artista fornece os símbolos que nos alimentam e nos salvaguardam.

LR não fez isso: ergueu alfândegas severas em lugar de fronteiras fluidas, tudo ao serviço de um regime carceral e mortífero. Nessas alfândegas muitos ficaram presos e lá se converteram em farrapo e pó. (É-me inconcebível uma *arte* que nos torne prisioneiros e depois mero detrito da história.)

Eis um exemplo da proximidade da dogmatização da subjectividade à destruição da humanidade. Recordem-se, neste contexto, as palavras de Martin Buber que exprime a ideia de que há palavras de natureza inerentemente dual. Por exemplo, a palavra «eu», que, na verdade, encerra uma realidade sempre dupla, i.e., um «eu» que, portanto, é, desde sempre e para sempre, um «eu-tu». Em contrapartida, deificar o «eu» totalitário, segundo a ideologia ao serviço da suposta supremacia do Um – com quem o fanático se identifica ao modo de um idólatra – leva à demolição do *outro*, ao esvaziamento da ágora e da assembleia, à destruição da humanidade como projecto e tarefa e à morte do «tu-eu».

Mestria técnica da LR? Sim. Inteligência inflexivelmente patológica? É bem plausível. Perante tudo isto, vivo – sem problema – sem a filmografia, sem as imagens, sem a memória desta artista. Ou antes, vivo a sua filmografia como uma fatalidade, como um *site* de reflexão negativa, como sintoma paroxístico do não-pensar. Perante a sua obra e as suas palavras, o que me ficará doravante na memória é a consciência da presença de um novo espaço do desumano no arquivo vivo da nossa espécie. Com esta obra, a história humana manifesta novamente uma crueldade sem glosa possível. (Não se faça da palavra «arte» sintoma de deificação demencial ou mero desvio provisório de uma inteligência que de outro modo teria sido essencialmente criativa.)

Quem é artista serve outros deuses que, afinal, não são, nem nunca foram deuses: são, sim, ideias-obras-mentes de uma humanidade algo serena (porque aspira a viver apaziguada consigo própria), algo lúcida (porque pretende ser autónoma), algo prudente (porque sabe-se falível) e algo criativo (porque descobriu-se amorosa).

Portais em torno do realizador Stephen Daldry (n. 1960): <ul style="list-style-type: none">• http://en.wikipedia.org/wiki/Stephen_Daldry• http://www.ibdb.com/person.php?id=14547• http://www.filmreference.com/film/92/Stephen-Daldry.html• http://www.independent.co.uk/arts-entertainment/how-we-met-stephen-daldry-and-ian-macneil-1306112.html• https://en.wikipedia.org/wiki/Stephen_Daldry	Portais em torno do filme <i>O Leitor</i> (2008): <ul style="list-style-type: none">• http://www.nytimes.com/2008/12/10/movies/10read.html?_r=0• https://en.wikipedia.org/wiki/The_Reader_(2008_film)• http://www.imdb.com/title/tt0976051/
--	---